Aula 10

O POEMA E SEUS CONSTITUINTES (1ª PARTE)

META

Apresentar os elementos formais do poema referentes à métrica e à estrofação.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Classificar os versos e as estrofes de um poema tradicional ou moderno;
- Identificar os procedimentos técnicos usados pelo poeta para trabalhar a medida do verso e a composição da estrofe;
- Reconhecer o valor funcional da métrica para os efeitos poéticos do poema;
- Listar as licenças poéticas utilizadas nas composições feitas sob medida.

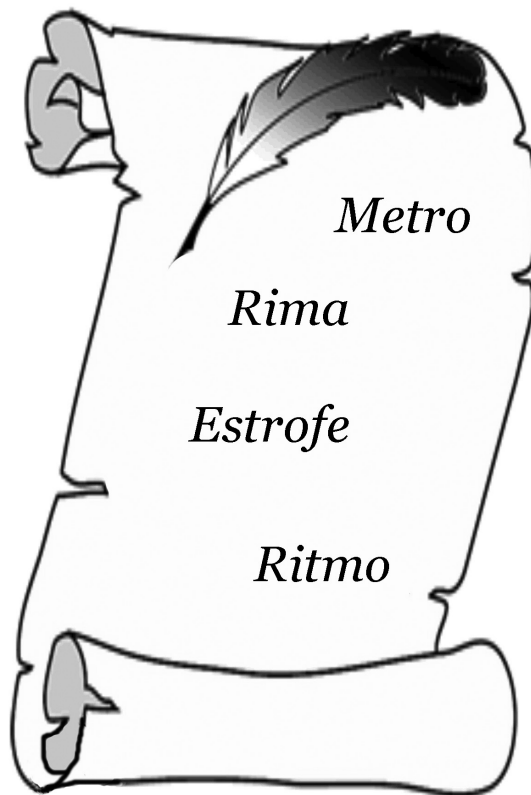
PRÉ-REQUISITOS

A aula 6, que contém os fundamentos essenciais do lírico.

Antonio Cardoso Filho

INTRODUÇÃO

Vamos, na primeira parte desta aula e também na segunda, tratar do poema. Ao estudar o lírico, nos voltamos para uma dimensão da linguagem que pode estar presente tanto no verso como na prosa. O lírico ou, se você preferir, a poesia, não é exclusividade do verso, mas o poema, na verdade, é o seu lugar mais propício. Entretanto, ao tomarmos agora o poema, nossa preocupação é com a organização formal. São questões técnicas que nos ocuparão a partir deste momento.

Para o estudo do verso, vários são os aspectos tomados, e cada um deles se subdivide em vários outros. À primeira vista, você poderá pensar logo: "Eu preciso decorar tudo isso?" Não! Calma! Você não precisa decorar cada conceito, mas apenas compreendê-los bem. Não se trata de manter tudo memorizado, mas primeiramente trata-se de tomar conhecimento de todos esses aspectos técnicos. Existem outros além dos citados nesta aula 10. Em caso de uma necessidade maior em suas pesquisas, ou na sala de aula com seus alunos, no futuro, você irá aos manuais que tratam detalhadamente de cada caso. Mas, cuidado! Não estou dizendo para estudar menos; estou lhe dando consciência do que é realmente importante para cada momento. Como futuro profissional dos estudos literários, você precisa se qualificar da melhor maneira possível, desde já.

METRIFICAÇÃO

Começaremos nosso estudo dizendo que o verso é formado por quatro elementos: o metro, a estrofe, o ritmo e a rima. Para a aula de hoje, selecionamos alguns comentários sobre a metrificação e a estrofação.

ESTUDO DO METRO

A palavra métrica (ou metro) vem do grego métron e significa medida. Por isso, podemos dizer que o metro é a medida do verso, e seu estudo chama-se métrica ou metrificação.

Em relação à métrica, os versos podem ser:

a) Isométricos ou isossilábicos – quando têm o mesmo número de sílabas.
b) Heterométricos ou heterossilábicos – quando têm número diferente de sílabas.

Se considerarmos a quantidade de sílabas métricas, encontraremos os seguintes tipos:

a) monossílabos – versos de uma sílaba;
b) dissílabos – versos de duas sílabas;
c) trissílabos – versos de três sílabas;
d) tetrassílabos – versos de quatro sílabas;
e) pentassílabos (ou redondilha menor) – versos de cinco sílabas;
f) hexassílabos – versos de seis sílabas;
g) heptassílabos (ou redondilha maior) – versos de sete sílabas;
h) octossílabos – versos de oito sílabas;
i) eneassílabos – versos de nove sílabas;
j) decassílabos – versos de dez sílabas;
k) hendecassílabos (ou arte maior) – versos de onze sílabas;
l) dodecassílabos (ou alexandrinos) – versos de doze sílabas;
m) bárbaros – versos de mais de doze sílabas.

Existe ainda o *verso livre* que é aquele que além de não ter um número regular de sílabas também não se preocupa com a métrica. Por isso, se diz que nele não há metro; há apenas o ritmo psicológico. Esse tipo de verso é muito comum no Modernismo, mas está longe de ser uma característica dele, pois é a forma mais antiga de se fazer o verso. A Bíblia está cheia dele.

Para conhecer a métrica do verso, precisamos contar suas sílabas ou seus sons. A este procedimento se dá o nome de escansão. Escandir um verso é ver quantas sílabas métricas ele tem. Mas veja: a sílaba métrica não é a mesma coisa que a sílaba gramatical; ela só é contada até a última tônica da palavra. Observe os versos seguintes de Castro Alves:

A/ pom/ba/ d'a/li/an/ça o/ vô/o es/prai/a (10versos)
Na/ su/per/fí/cie a/zul/ do/ mar/ i/men/so (10 versos)

Esses versos terminam em palavras paroxítonas, então no final sobra uma sílaba gramatical. Se as palavras fossem proparoxítonas sobrariam duas sílabas gramaticais. Mas a métrica não considera apenas a última tônica; há outros dados também em jogo, e alguns deles são chamados *figuras de dicção*, outros se chamam *figuras de morfologia*. Todos eles influenciam na métrica e, através deles, o poeta procura obter a isometria da estrofe ou mesmo do poema inteiro. De nossa parte, tendo conhecimento deles, podemos saber o procedimento que o poeta utilizou. Comecemos a vê-los.

FIGURAS DE DICÇÃO

Essas figuras são fenômenos fonéticos que acontecem em nossa fala no dia-a-dia. Por exemplo: se digo normalmente na minha conversa: "A gata arranha a menina" o que, na verdade, chega ao ouvido do meu interlocutor é: /a gatarranha menina/. Meu ouvinte compreenderá bem o que digo porque já tem o domínio dessa forma de falar, já tem o domínio das várias possibilidades de os sons se combinarem. Por isso, se ele for escrever a frase, colocará todos os elementos, embora aos seus ouvidos não tenham chegado discriminados todos os fonemas que a escrita mostra. O poeta lança mão desses fenômenos fonéticos, por isso no poema eles são chamados de "figuras de dicção", ou seja, fenômenos da fala. Veja alguns casos:

Elisão – é a supressão fônica de vogal entre palavras contíguas, por isso este é um fenômeno intervocálico, um fenômeno que acontece *entre* palavras. Para compreender melhor a elisão leia, em voz alta e espontaneamente, como se estivesse batendo um papo com alguém:

Eu sou aquele *que* os passados anos
Cantei na minha lira maldizente.

(Gregório de Matos)

Percebeu que, ao pronunciar as palavras *que* e *os*, elas soam como se fossem uma só? Isso é porque houve uma supressão ou quase supressão de um som, de um fonema. Sempre que houver essa situação, é possível contar uma sílaba apenas, e este fato é uma elisão. Lembre-se que o "h" inicial não é um fonema, mas simplesmente uma letra – visto que não produz som nenhum – o que resulta em você considerar a elisão diante de uma palavra iniciada com ele.

Hiato – é o contrário da elisão. Ele se dá também *entre* palavras e não dentro da palavra, e consiste em manter separadas duas sílabas que poderiam estar juntas, mas por questões de isometria se considera a separação.

Minha campa será entre as mangueiras, (10 sílabas)
Banhada do luar,
E *eu* contente dormirei tranquilo (10 sílabas)
À sombra do meu lar!

(Casimiro de Abreu)

Sinérese – é a união de dois sons dentro da palavra, por isso é um fenômeno intravocálico.

Era outra luz, era outra *suavidade* (10 sílabas)

(Antero de Quental)

Na palavra "suavidade" teríamos quatro sílabas métricas, mas se fizéssemos essa contagem, o verso ficaria com onze sílabas e não com dez, que é o seu padrão métrico. Então, consideramos uma sinérese entre as sílabas "su" e "a" e, com isso, retiramos uma sílaba e ficamos com apenas dez, obtendo a isometria.

Diérese – é o oposto da sinérese. Em vez de juntarmos o que ficaria separado, separamos o que deveria estar junto e, aí, ganhamos uma sílaba.

E mais que pi/edade de tristeza (10 sílabas)

(Antero de Quental)

Em "piedade", as duas vogais átonas que, em princípio, ficariam juntas, foram separadas.

Ectilipse ou ectlipse – é a elisão ou retirada do som nasal.

Quando passarmos juntos pela rua
nos mostrarão co dedo os mais pastores,

(Tomás Antônio Gonzaga)

(Fonte: http://emerson.bahia.zip.net).

"Co" é a junção de com + o. Aqui houve a supressão do fonema nasal na escrita, mas esse registro gráfico eliminando o "m" não é necessário. O "m" pode estar presente e, na escansão, ser considerada a ectilipse.

Sinafia – é a contagem de uma sílaba átona de um verso como se fosse do verso seguinte para obtenção da isometria.

Na valsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
....
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa

(Casimiro de Abreu)

A última sílaba gramatical do verso "Qual pálida" foi contada como se pertencesse ao verso seguinte. O resultado foi a obtenção de duas sílabas para o verso "Rosa".

Anacrusa – é o procedimento que consiste em simplesmente não considerar uma sílaba do verso, para manter o mesmo esquema métrico. Isso é comum em versos curtos, mas pode ocorrer em versos maiores.

Alva,
Nua,
A lua
Cai

(Fagundes Varela)

Esses versos têm uma sílaba, exceto o terceiro que teria duas se não excluíssemos a palavra "a".

Hiperbibasmo – é o deslocamento para frente ou para trás da sílaba tônica. São dois os casos:

- *Sístole* – é o recuo do acento para a sílaba anterior.

Da caravana guarda a areia a pégada

(Castro Alves)

A palavra "pegada" é paroxítona, mas foi considerada como se fosse proparoxítona a fim de manter 10 sílabas métricas.

- *Diástole* – é o avanço para a sílaba seguinte.

Outro Aretino fui... a santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia
Rasga meus versos, crê na eternidade!

(Bocage)

A tônica da palavra "ímpia" foi deslocada da primeira para a segunda sílaba.

Como as figuras não se dão apenas nos sons, passamos agora a ver aquelas que se dão na forma da palavra e, por isso, se chamam figuras de morfologia.

(Fonte: http://img.olhares.com).

FIGURAS DE MORFOLOGIA

Essas figuras se dão por aumento ou diminuição da palavra a partir do ganho ou da perda da sílaba. Colocamos a seguir os casos de ganho de sílabas.

Prótese – é o acréscimo de fonema no início da palavra.

Todo difícil é fácil,
Abasta a gente saber

(Mário de Andrade)

Esse acréscimo pode não implicar no aumento de sílabas métricas, caso se dê com uma vogal átona diante de outra.

Vinha arraiando a aurora

(Antônio Nobre)

Na língua coloquial, a prótese ocorre em palavras como: *arrodear* em vez de rodear. Entre algumas pessoas incultas e na composição poética, encontra-se *alevantar* por levantar. Exemplo: "O sol se alevanta cedinho".

Epêntese – é o acréscimo dentro da palavra.

Mas há pouco, há poucochinho,
Nem uma agulha bulia

(Augusto Gil)

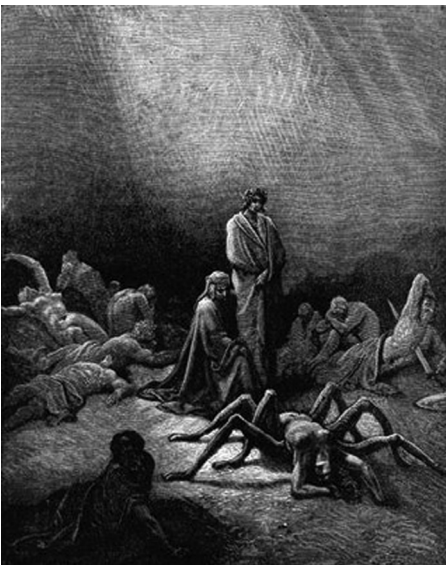
Na fala espontânea, ocorre sempre epêntese do /i/ separando os encontros consonantais /gn/: digno soando /díguinu/; /bs/: absoluto soando /abisolutu/;/pn/: pneu soando /peneu/ ou /pineu/ Ou ainda: cruz soando /cruis/; mês soando /meis/; vocês soando /voceis/ entre outros casos.

Paragoge – é o acréscimo no final da palavra.

As delícias de um céu fugace

(Cruz e Souza)

Como um caso de paragoge na linguagem inculta, pode-se considerar, sincronicamente, a palavra seio no lugar de *sei*. Por exemplo, no diálogo:

Purgatório, Paul Gustave Doré (1832-1883) (Fonte: http://images.google.com.br).

– Você sabe disso?
– Seio.

Ou ainda no caso de estrangeirismos aportuguesados. O termo "club" é pronunciado "clube"; Com as palavras "stand" que se pronuncia /istandi/, e "stop" que se pronuncia /istopi/ temos dois fenômenos: prótese e paragoge.

Rípio ou cavilha – este não é um caso de aumento de fonema na palavra, mas o acréscimo de palavra no verso a fim de alcançar o número de sílabas necessárias. Essa palavra não altera o sentido do verso. Funciona como uma partícula expletiva.

Criaturas de Deus *se* peregrinam
Invisíveis na terra, consolando
As almas que padecem, certamente

(Álvares de Azevedo)

Passemos agora para as figuras de morfologia que consistem na perda de sons.

Aférese – perda de som no início da palavra.

Vejo-as inda passar, pálidas e belas;

(Raimundo Correia)

Coloquialmente, encontramos com freqüência a queda da sílaba inicial do verbo "estar" flexionado: tou, tá, tive em lugar de estou, está, estive. Ou no termo "peraí" traduzindo a expressão "Espere aí".

Síncope – perda de fonemas dentro da palavra.

Filho do *sec'lo* das luzes!

(Castro Alves)

E cresce, e treme, e brilha, e afia o ouvido, e escuta
A voz que na *soidão* só ele escuta, - só:

(Olavo Bilac)

Na língua coloquial, encontramos *xicra* por *xícara*; abobra por *abóbora*.

Se a perda ocorrer com uma sílaba igual ou semelhante, essa síncope se chama *haplologia*.

Escuta, minha irmã, *cuidosa* enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos

(Álvares de Azevedo)

Na fala diária, temos "paralepípedo" por paralelepípedo.

Apócope – é a perda de fonema no final da palavra.

Emergia da *imácula* brancura

(Olegário Mariano)

Na língua coloquial, os infinitivos perdem o /r/ final. Exemplo: Olhar torna-se *olhá*; fazer torna-se *fazê*.

ESTUDO DA ESTROFE

Estrofe é um verso ou um conjunto de versos.

As estrofes recebem algumas classificações de acordo com:
a) o tipo de composição;
b) a disposição no poema;
c) a métrica;
d) o ritmo.

Vamos ver essas classificações.

a) *Quanto à composição*, ou seja, ao número de versos que possui, a estrofe pode ser:
- *Monóstico* – estrofe de um só verso. Raramente é usada na versificação tradicional.
- *Dístico* ou parelha – estrofe de dois versos.
- *Terceto* ou trístico – estrofe de três versos.
- *Quarteto* ou quadra – estrofe de quatro versos.
- *Quintilha* – estrofe de cinco versos.
- *Sextilha* – estrofe de seis versos.
- *Sétima*, setilha ou hepteto – estrofe de sete versos.
- *Oitava* – estrofe de oito versos.
- *Nona* – estrofe de nove versos.
- *Décima* – estrofe de dez versos.
- *Irregulares* – estrofes com mais de dez versos.

b) *Quanto* à disposição no poema as estrofes podem ser:
- *Uniformes* – quando têm o mesmo número de versos em todo o poema.
- *Combinadas* – quando apresentam número variado de versos. Os poemas de forma fixa sempre trazem esse tipo de estrofe. Por exemplo, o soneto é composto de dois quartetos e dois tercetos.
- *Estíquicas* ou livres – quando se compõem com um número de versos completamente livre. Por exemplo, um poema com uma estrofe de 8 versos, outra com 2 versos e outra ainda com 5 versos.

c) *Quanto à métrica*, as estrofes podem ser:
- *Isométricas* – quando os versos têm a mesma medida, ou seja, o mesmo número de sílabas.

Cabe pois num vagão
toda a nossa viagem.

Mas é cinza e carvão
amor, e sua imagem.

(Drummond)

- *Heterométricas* – quando os versos têm medida diferente.

A bomba planejada?

Ou a bomba pronta
excitando a hora
do prazer do dedo
no botão maligno?

metástese do ódio
deflagrada no corpo
do mundo

que parece são

Bomba atômica (Fonte: http://blogverde.com).

(Carmelita Fontes)

d) *Quanto ao ritmo*, elas são:
- *Isorrítmicas* – quando os versos têm o mesmo esquema rítmico.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

(Gonçalves Dias)

O esquema rítmico se baseia em ictos na segunda e na quinta sílabas.
- *Heterorrítmicas* – quando os versos têm esquema rítmico variado.

Conheço os sinais; e logo,		2	5	7
animado da esperança,		3		7
busco dar um desafogo	1	3		7
ao cansado coração.		3		7

Pela indicação ao lado das sílabas onde ocorrem os ictos, você se dá conta de que existe uma variação rítmica da estrofe.

(Fonte: http://www.weno.com.br).

CONCLUSÃO

Depois dessa exposição sobre o METRO e sobre a ES-TROFE, vamos continuar com esse mesmo tipo de es-tudo classificatório na próxima aula, mas já tratando de outros elementos do verso.

RESUMO

Nesta aula lhe foram apresentadas as características da metrificação e da estrofação. Na primeira, que é a métrica, os versos são divididos em isométricos e heterométricos. Além disso, existem os versos livres, encontrados principalmente no Modernismo, que não possuem uma regularidade no número de sílabas e também não têm preocupação com a métrica. Já a estrofe compreende um verso ou um conjunto de versos e é classificada quanto ao tipo de composição, disposição no poema, métrica e ritmo.

ATIVIDADES

A fim de melhorar a fixação de seu aprendizado, depois de estudar esta lição, responda ao que se pede nos itens abaixo. Caso seja necessário consultar a aula por causa de uma dúvida, não tem problema. Mas só recorra a esse expediente se não conseguir mesmo. Por isso, estude bem o texto antes de fazer essa tarefa.

1. Complete as frases:
a) Os quatro elementos estudados na composição em verso são: a estrofação, ___________________, ____________________ e ____________________.
b) A uma composição de dois quartetos e dois tercetos dá-se o nome de ____________

2. Responda com suas palavras:
Como se classifica a estrofe:
a) em relação à composição__________________________________
b) em relação ao poema____________________________________
c) em relação à estrutura métrica _____________________________

3. Que são estrofes irregulares________________________________
4. Conceitue o verso____

5. Enumere os itens da coluna da direita de acordo com o seu correspondente na coluna da esquerda:

(1) Prótese	( ) perda da sílaba inicial da palavra
(2) Hiato	( ) fusão de dois sons em um só dentro da mesma palavra
(3) Aférese	( ) elisão do fonema nasal
(4) Sinérese	( ) aumento de fonema no início da palavra
(5) Ectilipse	( ) separação de dois sons intervocálicos

6. Complete as frases:
a) Monóstico é _______________________________________
b) Sextilha é ____
c) Em relação à métrica, as estrofes podem ser: ______________
d) Um verso de 6 sílabas é chamado _______________________
e) Um verso de 9 sílabas é chamado ________________________
f) Um verso de 11 sílabas é chamado _______________________

PRÓXIMA AULA

Logo mais você verá a segunda parte do assunto que compreende os elementos formais do poema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

CANDIDO, Antonio e CASTELO, Aderaldo. **Presença da literatura brasileira I**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Villa Rica Editora, 1996.